
Com telas e afeto: para fazer um telejornal predileto e inclusivo ¹

Iluska COUTINHO²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO: O telejornal envelheceu, junto com sua audiência antes cativa, conforme avaliações conectadas a novos modos de produção e consumo da informação, esta valor cada vez mais central na contemporaneidade. Nesse texto suspende-se tal diagnóstico ao adotar o ceticismo como estratégia, e busca-se compreender o trânsito do jornalismo audiovisual na diversidade de telas que articulam a experiência cotidiana. E se o telejornalismo permanece como principal forma de busca por notícias conforme a PBM 2016, é possível, no diálogo intermédias mas também na reflexão acadêmica, demandar narrativas audiovisuais e posturas mais inclusivas. No ano em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos, reflete-se a partir de um episódio de assédio sobre o espaço das mulheres na cobertura esportiva da Copa do Mundo 2018.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Diversidade; Mulher; Assédio; Mídia digital.

INTRODUÇÃO, OU SOBRE A POSSIBILIDADE DE VER À DISTÂNCIA

Toby Miller, estudioso da televisão, ao tratar sobre as tendências da programação televisiva no final da primeira década do século XXI, recupera no título de seu texto as manchetes de revistas e periódicos especializados que anunciam (ou torcem) pelo fim da era da TV. Visões catastrofistas à parte, o autor avalia que há em curso um cenário de mudança ancorado em tendências históricas e culturais, na direção da valorização de emissoras dedicadas a gêneros ou temas específicos: "a TV está se tornando mais popular, não menos (...) ostenta a maior credibilidade e utilização - apenas um entre vinte adolescentes prefere a internet para adquirir informações sociais e políticas" (MILLER, 2009, pp. 22-23).

O cenário descrito pelo autor, também apresentado por ele em evento realizado em agosto de 2009 no Rio de Janeiro, guarda muitas semelhanças com o experimentado no cenário audiovisual brasileiro, se é que ainda seria possível falar em fronteiras para a experiência de consumo de informações em vídeo. Em lugar de determinar a dissolução dos laços sociais descritos por Wolton (1993), na busca por forjar uma teoria crítica da

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento

² Jornalista, mestre e doutora em Comunicação, desenvolve pesquisa sobre Pluralismo e Diversidade no Telejornalismo com apoio do CNPq e Fapemig. Professora UFJF e coordenadora do NJA, Núcleo de Jornalismo Audiovisual e da TELEJOR, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. Bolsista PQ2. e-mail: iluska@globo.com.

televisão, tem-se com muita frequência a ampliação das redes de circulação e troca, tornando agora também mais visível, e rastreável o "lado oculto do receptor"³.

Defende-se nesse artigo, assim como em reflexões que se ancoram também nos trabalhos da TELEJOR, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo⁴, que é fundamental compreender a sociedade a partir da observação do jornalismo audiovisual em diferentes telas e percursos: emissão ou entrada; circulação ou consumo; espalhamento ou recirculação midiáticas. Olhar para o telejornalismo e as mudanças em curso na sua experiência, em diferentes e múltiplas telas, é assim poder ver à distância, antiga promessa do aparato que tornou possível a visão do que se encontra longe, a televisão⁵.

Essa perspectiva é ainda ancorada nos dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM 2016) que ao traçar os hábitos de consumo da população brasileira apontam a televisão como o meio de comunicação no qual 63% dos participantes mais se informam sobre o que acontece no país. A segunda mídia de escolha é a internet, com a preferência de 26% do universo investigado⁶.

Se os dados reforçam a manutenção da centralidade da televisão e do telejornalismo como forma de acesso ao mundo cotidiano, eles indicam ainda que vivemos um período de transições, como sugere Beatriz Becker (2016). Há atualmente em curso distintas tentativas e formas de reinvenção do telejornalismo. Elas ocorrem na televisão, mas também em outras telas, redes etc. No âmbito desse artigo propõe-se um olhar afetivo como um possível caminho para essas transformações. Proposta apresentada por Paula Puhl (2014) ao observar uma aproximação entre fontes e repórteres nas práticas do telejornalismo universitário e regional, a dimensão do afeto e

³ Em livro clássico na área de Comunicação, Mauro Wilton de Sousa (1995) questiona as características em geral atribuídas ao universo da recepção em diferentes mídias, salientando a importância de perceber a participação do "receptor" na componente do fluxo, uma vez que embora então ainda pouco conhecido seria ele o sujeito da comunicação na contemporaneidade.

⁴ Em 2013, ano marcado por movimentos de rua convocados via redes sociais digitais e acompanhados pela televisão, a TELEJOR, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, publica o segundo volume da coleção Jornalismo Audiovisual. Intitulado #telejornalismo: nas ruas e nas telas, a obra apresenta densas reflexões sobre a migração do conteúdo em vídeo para múltiplas telas e a persistência da relevância do telejornalismo.

⁵ A origem da palavra televisão seria o Congresso Internacional de Eletricidade de Paris de 1900, quando o acadêmico russo Constantin Perskyi reuniu grego e latim para de forma híbrida nomear a televisão como um instrumento, então ainda em desenvolvimento, que tornaria possível tornar o distante próximo, pela visão.

⁶ Segundo dados disponíveis em <http://pesquisademidia.gov.br/>, a pesquisa contou com 15050 entrevistados. Somadas primeira e segunda menções a opção pela televisão atinge 89% e pela web 49%. Com relação ao corte etário, a televisão é a mídia mais utilizada sobretudo para aqueles com idade superior a 24 anos. A média dos entrevistados de 16 a 24 anos varia de 45 a 44% de preferência pela TV, ultrapassada pela internet com 50,5% das escolhas.

do viver junto é revisitada nesse texto como proposta possível para compreender formas de reafirmar a relevância do telejornalismo, e dos debates sobre ele e suas práticas realizados também em diálogos intermédias.

Há ainda a opção por abordar essas transformações no telejornalismo a partir de demandas, também em circulação nas redes sociais digitais, de que ele possa ser mais inclusivo, plural...e feminino. Nesse texto busca-se compreender a forma pela qual as mulheres participam e são narradas no telejornalismo tomando como recorte um episódio de assédio a uma repórter na cobertura da Copa do Mundo de Futebol 2018 na televisão aberta brasileira. Seres de direitos, consagrados há 70 anos na Declaração Universal de Direitos Humanos, as mulheres ainda enfrentam diversas formas de interdição: de temáticas, de espaços físicos, de seu direito à voz. Segundo Rebecca Solnit "podemos considerar a história dos direitos e a falta de direitos das mulheres como uma história do silêncio e do rompimento do silêncio" (SOLNIT, 2017, p.17). No telejornalismo as bancadas de apresentação, por exemplo, passaram de um espaço interdito até 1996 nos noticiários brasileiros de rede nacional, à local preferencial para a atuação das jornalistas na Copa 2018. Mas é um caso de assédio a uma repórter transmitido ao vivo em rede nacional que oferece o recorte empírico dessa reflexão, relacionada no texto também à episódios anteriores ocorridos na cobertura do telejornalismo esportivo.

Retomando uma expressão que também se popularizou no ambiente das redes, precisamos falar sobre isso, e sobre a necessidade de o telejornal lidar com questões e temáticas como essa, inclusive como forma de mobilização de público e de afetar seus telespectadores. Para tratar dessa temática, o título do texto retoma o nome de um álbum de Nara Leão lançado em março de 1980 e um dos versos de uma canção de Chico Buarque que foi então encomendada pela cantora brasileira: Com açúcar, com afeto.

COMPARTILHAMENTO, CURTIDAS E LIKES...COMO GOSTAR DO TELEJORNAL

No âmbito desse texto considera-se que é preciso ao olhar para o presente e futuro da experiência informativa, ampliar as formas de compreender o acesso ao telejornal. Essas ampliações relacionam-se com a dimensão tecnológica, e ainda que em uma perspectiva não determinista, é possível propor como Scolari (2014) a existência de uma hipertelevisão marcada pelas experiências da convergência e das multi-telas, ou ainda do telejornalismo expandido, como Edna Mello Silva e Yago Modesto Alves

(2017) referem-se ao momento atual em que os telejornais estão presentes também nas redes sociais digitais, com produção de conteúdos próprios para esses ambientes inclusive.

Para compreender essas mudanças porém é preciso levar em conta os processos de transformações culturais implicados, desde novas formas de produzir e apresentar o produto telejornalístico, até as maneiras distintas e muitas vezes coexistentes de consumir e experimentar a informação em sua materialidade audiovisual. Assim, ao contrário de decretarmos o fim da TV e do telejornal, ou de seu consumo coletivo em família durante as refeições, é importante perceber que na atualidade o telejornal está em todo o lugar, com diferentes temporalidades e formas de acesso.

Presente também na memória afetiva de muitos telespectadores, o telejornal hoje amplia, ainda que potencialmente, suas formas de estabelecer contato, e interação com os distintos públicos que constituem sua audiência, em múltiplas telas e tempos, não mais exclusivamente aqueles estabelecidos por emissoras de TV na grade e programação. Os conteúdos audiovisuais são assim acessados, e afetam, a audiência de maneiras diversas, inclusive por meio da internet.

(...) os vídeos do YouTube são o maior trunfo imaginável para a tevê norte-americana tradicional. Em vez de substituir os programas de TV, estes fragmentos e comentários os promovem. Apesar de o conteúdo amador constituir a maior parte do que se encontra no YouTube, ele é mal assistido em comparação aos textos das indústrias culturais. (...) Imaginar a internet em oposição à televisão é bobagem; ao contrário, ela é apenas mais uma forma de enviar e receber a televisão. (MILLER, 2009, pp.21-22)

O consumo de telejornalismo em dispositivos variados é uma realidade já assumida também no Brasil por emissoras e institutos de medição de audiência, que tem reformulado a partir daí suas formas de acompanhar os movimentos do público, seu principal ativo, financeiro inclusive. Entre o controle remoto e os cliques, a experiência com os noticiários de televisão é ampliada, nos suportes e horários de acesso, e pode incluir desde o acompanhamento de sua (pré)produção até os debates sobre os conteúdos audiovisuais veiculados, e que muitas vezes não se encerram com a entrada no ar de uma nova edição. A própria perspectiva da periodicidade do telejornal hoje precisa ser revisitada face ao diálogo intermédias, e à dimensão das diferentes "caudas" que se constituem a partir do consumo do jornalismo audiovisual em uma perspectiva que hoje inclui a lógica de compartilhamento, e também as curtidas e likes.

Nesse sentido assumimos na reflexão em busca de um telejornal para chamar de nosso⁷ a mesma perspectiva de Paula Puhl (2014) ao analisar proximidade entre fonte e repórter na apuração e na apresentação da notícia em emissoras universitárias e regionais, as ideias sobre o viver junto de Barthes (2003). Pretende-se a partir das buscas do autor por perceber e analisar os espaços cotidianos, compreender as novas relações entre telejornalismo e redes sociais digitais, as novas proximidades entre público, noticiário e seus profissionais também por meio de novas circulações e produtos, cuja longevidade e alcance sugerem a constituição de novas redes, agora não apenas técnicas, e de transmissão, mas também humanas e culturais, redes de afeto, no sentido de que demandam a mobilização do telespectador, convertido em interator, ainda que em diferentes níveis. Ao propor uma análise estrutural de um discurso, Barthes interroga-se:

Como é que o texto avança? Como, uma vez iniciado, ele germina, prolifera? Como se opera a mutação das situações, dos sítios (situs) de discurso (seria já um progresso falar de sítios, preferentemente a unidades)? Qual o segredo da difusão, do desenvolvimento, do modo como um discurso "pega", da translação das unidades? Essas perguntas diziam respeito a uma ciência cinética do discurso: uma mecânica (quais os motores do discurso, do *cursus* que há em *dis-cursus*?) E também uma arte da viagem. Como é que o texto viaja (...) (BARTHES, 2003, p. 305).

Assume-se nesse artigo que uma possibilidade para perceber na contemporaneidade as distintas novas formas de viver com o telejornal, seria partir dos questionamentos formulados pelo autor. Entende-se ser possível entender as novas circulações do telejornal, comentários e curtidas a ele relacionados, na perspectiva de avanços de um texto, sobretudo quando assumimos a perspectiva de que as novas postagens, reações e compartilhamentos podem integrar um ambiente ou um telejornalismo expandido, ou a constituição de um hiper-telejornal.

Ressalte-se contudo que nesse caso os avanços em tela na análise do telejornalismo são aqueles relacionados aos processos sociais e culturais de sua experimentação, por produtores e cidadãos, chamados a atuar como co-produtores, em muitas circunstâncias⁸. Sua participação ainda se relacionaria nas instâncias de

⁷ A referência aqui é o título do livro de Jhonatan Mata, "Um telejornal para chamar de seu" (Insular, 2013), fruto de sua dissertação de mestrado defendida no PPGCOM-UFJF.

⁸ Autoras como Fabiana Siqueira (2013) e Ana Paula Goulart de Andrade (2014) abordam as transformações nos fazeres e rotinas produtivas no telejornalismo e mesmo a emergência de novos valores noticiais com o recebimento de conteúdos gerados pelo usuário. Ao longo de 2018 os telespectadores foram convocados pela Rede Globo a enviar, na horizontal, depoimentos sobre o Brasil que queria, tal como outrora, via twitter, William Bonner realizava um "você decide virtual" para a

discussão e debate sobre o conteúdo audiovisual, que muitas vezes ocorrem nas redes sociais digitais sob a forma de um novo espaço público, com grupos de discussão e comunidades virtuais que aproximam-se de dispositivos sociais críticos, na perspectiva dos sistemas de resposta social à mídia (Braga, 2006)⁹.

Por outro lado há muito porém que avançar para que o telejornal amplie-se como espaço mais inclusivo e plural na perspectiva das temáticas, das formas de representação. Ainda são pequenos nos noticiários, de emissoras públicas e privadas, os índices de veiculação de matérias relacionadas ao campo da diversidade e do debate das questões de gênero, por exemplo, os chamados conteúdos DIV tal como conceitua Francisco Rui Cádima (2011). Em estudo mais recente o autor reforça que diversidade e pluralismo são conceitos e práticas a demandar proteção especial no atual ecossistema midiático: "temos um fenómeno novo, de redução significativa da diversidade e do pluralismo num contexto que já de si, em termos de *media mainstream*, era extremamente deficitário em particular em matéria de pluralidade das vozes (CÁDIMA, 2017, p.30).

Assim, entende-se que há em curso processos sincrônicos de: 1) busca por ampliação da presença do telejornalismo em um ambiente de consumo e circulação cada vez mais conectados, que inclui entre outros aspectos sua presença como ator e também objeto das redes sociais digitais, e 2) demanda pela ampliação da representação, por mais diversidade e pluralismo nos próprios espaços das narrativas telejornalísticas. Embora aparentemente distintos, esses dois movimentos, potenciais avanços do telejornalismo estão em convergência, esta característica central da experiência informativa, sobretudo audiovisual, no cotidiano.

De certa forma essa convergência justifica-se tendo em vista as formas atuais de experimentação do telejornal quando já não basta assistir ao conteúdo, mas há cada vez mais demanda por engajamento, potencializada pelas emissoras, mas também por movimentos sociais, mais ou menos organizados. Assim, grupos em geral invisibilizados nas narrativas midiáticas assumem um papel de destaque tanto na produção e circulação de jornalismo e audiovisual, como também no espalhamento de

escolha da gravata a ser usada na apresentação do Jornal Nacional. Em ambos os casos o controle sobre os limites da participação caberia à emissora.

⁹ Esse seria um processo também de aprendizado coletivo da crítica, com instâncias muitas vezes localizadas em observatórios de pesquisa e avaliação vinculados a universidades em diálogo com a perspectiva da literacia midiática, e outras vezes ocorreria em grupos de fãs de um determinado programa ou profissional, capaz de reunir seguidores que se convertem também em avaliadores críticos.

materiais produzidos e veiculados primariamente nos telejornais, com compartilhamentos e curtidas (likes). Tais ações são evidências de que o telejornalismo é capaz de afetar seu público, e que este em muitos casos associa sua própria reputação virtual em ações de propagação de conteúdos dos noticiários televisivos, com elogios ou críticas ao material exibido. Esse tipo de diálogo convergente será retomado posteriormente na análise do episódio de assédio e sua posterior cobertura e propagação em diferentes espaços.

Sei que alguém vai sentar junto, você vai puxar assunto, discutindo futebol¹⁰

Em "A mãe de todas as perguntas - reflexões sobre os novos feminismos", Rebecca Solnik (2017) relaciona silenciamento à exclusão e invisibilidade. Os silenciosos são também ignorados ou interditados. Como sugerem os versos da canção de Chico Buarque, a discussão sobre o futebol era um espaço do outro, em geral masculino, sendo as vozes das mulheres silenciadas ou interditas nos debates sobre a temática.

Ausentes ou em clara condição de minoria na história do telejornalismo esportivo, as mulheres ainda enfrentam resistências para ocupar esse espaço, temático e profissional, no Brasil e no mundo. Mas se a luta por libertação do interdito, ou pelo exercício do direito à comunicação e à prática profissional, consistiria em "(...) criar as condições para que os silenciados falem e sejam ouvidos" (SOLNIK, 2017, p.32), a cobertura e as transmissões esportivas na Copa do Mundo 2018 merecem um olhar mais atento.

Considerando essa perspectiva para entender o episódio de assédio sofrido no dia 24 de junho de 2018 pela repórter Júlia Guimarães durante uma transmissão ao vivo, direto da Rússia, para o telejornal Bom dia Brasil, é necessário antes compreender os espaços de atuação de mulheres na cobertura do futebol e do debate sobre o assédio sofrido pelas jornalistas profissionais nesse tipo de cobertura.

Em matéria publicada no dia 09 de junho, nos preparativos para a Copa do Mundo 2018 (iniciada em 14/6), o jornal Folha de S. Paulo registrou que de acordo com

¹⁰ O título dessa seção toma emprestados dois versos da canção "Com açúcar, com afeto", de Chico Buarque. Gravada por Nara Leão no álbum de mesmo título (1980), a música teria sido encomendada pela cantora segundo versão do compositor em entrevista concedida em 1989 à Rádio Eldorado "Ela pediu: 'Eu quero uma canção que fala que a mulher sofre, a mulher espera o marido etc. e tal'. Eu fiz pra Nara e pro tema exato que ela pediu. Uma canção sob encomenda mesmo" (*apud* ZAPPA, 2011)

a Fifa apenas 14% dos 16 mil profissionais credenciados para a cobertura da competição eram mulheres; na Copa realizada no Brasil o índice foi ainda menor, 10%. De acordo com o periódico, "(...) em dias de jogos, as salas de imprensa ficam lotadas de jornalistas, mas poucas mulheres são vistas. No gramado, fotógrafos se aglomeram para as imagens das entradas dos times, na porta do vestiário. A cena é a mesma, com maioria de homens" ainda que, como ressalta o texto do jornal fora dos gramados o machismo tenha se tornado um dos principais temas do mundial. A delimitação geográfica do texto guarda correspondência com os espaços de interdição à mulher usualmente presentes na cobertura do jornalismo esportivo.

Registram-se é certos movimentos em busca de abolir essas fronteiras, como o projeto "Narra quem sabe", desenvolvido desde fevereiro de 2018 pelos Canais Fox, na televisão fechada, com curadoria da jornalista Vanessa Riche. O projeto previa a seleção e treinamento de seis narradoras esportivas, e a escolha de metade delas para narrar os jogos da Copa 2018 pelo canal, e grande expectativa de sua curadora: "abrirá caminho para que as mulheres superem o preconceito que ainda existe em parte da imprensa contra a ala feminina que trabalha no esporte, especialmente no futebol." (RICHE apud AMARAL, 2018). Apesar da iniciativa ter sido festejada, sobretudo pelas jornalistas, por seu potencial inclusivo, sua concretização não chegou a mobilizar o público telespectador. Conforme o colunista do portal UOL, Daniel Castro, "apesar de louvável", a iniciativa do canal Fox Sports 2 de investir em uma transmissão 100% feminina não se traduziu em audiência, colocando o canal na lanterna, como o menos visto segundo levantamento realizado pelo Notícias da TV, atrás inclusive do Esporte Interativo, que não tem direitos de transmissão do mundial: "Com homens dominando a cobertura, o Fox Sports 1 teve média de 59.580 espectadores por minuto, 14 vezes acima da audiência de sua versão feminina. Já os Sportv 2 e 3 registraram, respectivamente, 17.580 e 8.060 pessoas em média" (CASTRO, 2017).

Resultados de audiência à parte, também merece registro a presença de mulheres brasileiras na apresentação, com transmissões realizadas preferencialmente em estúdio direto da Rússia durante a Copa do Mundo 2018. Se na Copa 2002, última conquista da seleção brasileira no Campeonato Mundial de Futebol, a jornalista Fátima Bernardes ficou (re)conhecida como Musa da Copa¹¹, em 2018 o espaço da apresentação na tela da

¹¹ O coletivo feminista Think Olga compartilha no ambiente web cartilhas de boas práticas, entre elas uma intitulada Minimanual de Jornalismo Humanizado - Parte IV: Estereótipos Nocivos. O material tem como destinatários

TV Globo é dividido entre Fernanda Gentil, Ana Paula Araújo, Sandra Annemberg e Renata Vasconcelos. Mas se há supremacia das mulheres nas funções de apresentação realizadas direto do país sede da Copa 2018, nos comentários e reportagem em externa a presença feminina constitui-se em exceção que acaba por confirmar a regra. Na TV aberta não há comentaristas mulheres, enquanto nos canais SporTV há apenas uma comentarista mulher, a jornalista Ana Thaís Matos, também repórter da Rádio Globo e que já havia sido alvo da torcida palmeirense em 2016, após a divulgação de postagens antigas de sua conta em uma rede social digital¹². Durante a Copa 2018 ela integra a equipe do programa diário Troca de Passes, veiculado no canal SporTV1.

Já na reportagem em externa, TV Globo e SporTV contam com duas mulheres em atividade na Rússia durante a Copa 2018, Glenda Kozlowski e Júlia Guimarães. A primeira foi atleta profissional e campeã mundial de *bodyboard*, já tendo atuado como apresentadora, repórter e locutora na TV Globo. Na programação pré Copa do Mundo ela foi a responsável pelo programa Matrioskas; veiculado aos sábados do mês de maio de 2018 e que apresentou interações entre Glenda e as mães de três jogadores da seleção (Neymar Jr., Gabriel Jesus e Fernandinho) ao visitar pontos turísticos da Rússia. Durante a competição a jornalista prioritariamente acompanhou os familiares dos jogadores e o clima da torcida na chegada aos estádios nos jogos da seleção brasileira. Após a eliminação do Brasil pela Bélgica nas quartas de final, Glenda Kozlowski se emocionou em uma entrada ao vivo no Jornal Nacional, quando durante uma conversa com Galvão Bueno abordou a reação da mãe do jogador Fernandinho, autor do primeiro gol da partida. O episódio, mobiliza sentidos que serão melhor problematizados a seguir, e foi republicado no site e nas redes sociais do Globo Esporte.com, portal pertencente às Organizações Globo, conforme imagem a seguir.



Figura 1 - reprodução do site Globo Esporte.com

jornalistas e empresas de comunicação que desejem limpas seu conteúdo editorial de preconceitos, aborda de forma crítica a eleição de musas no esporte, que relaciona à desvalorização das atletas. Nesse sentido, vale refletir sobre as produções simbólicas implicadas também quando jornalistas recebem tal denominação, prática que não encontra equivalência com os homens envolvidos com a cobertura esportiva.

¹²

<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/76270/reporter+vira+alvo+de+ataques+da+torcida+palmeirense+apos+di+vulgacao+de+tuites+antigos>

Por sua vez a jornalista Júlia Guimarães era responsável pela cobertura dos jogos e pelo acompanhamento de seleções na cidade de Ecaterimburgo, na Rússia. Tendo como auxiliar uma produtora russa que também fala português, a jornalista quase foi beijada por um torcedor quando aguardava a entrada ao vivo no programa Esporte Espetacular no dia 24 de junho, nas imediações do estádio da partida entre Japão e Senegal. A transmissão ao vivo mostrou a indignação da jornalista no episódio do assédio. Júlia se esquivou e reagiu de forma firme, respondendo em inglês ao agressor: "Nunca mais faça isso. Nunca mais faça isso com uma mulher. Eu não permiti que você fizesse isso...Respeito" (tradução da autora). A materialidade audiovisual em questão, cujo frame é reproduzido abaixo a partir de postagem da jornalista, tem as marcas do produto ao vivo, embora seu caráter não programado não possibilite compreendê-la nos parâmetros pelos quais Dayan e Katz (1999) referem-se aos acontecimentos midiáticos.



Figura 2 - Jornalista compartilha vídeo assédio reproduzido em chamada do GloboEsporte.com

O episódio do assédio foi reproduzido, agora com a inserção de legendas e comentários, no próprio Esporte Espetacular e posteriormente em diversos momentos e programas do canal SporTV. Esse vídeo e a reportagem que trata dessa e de outras situações de assédio registrada na Copa do Mundo da Rússia veiculada na noite de 24/6/2018 no Fantástico constituem os objetos da análise da materialidade audiovisual cujos resultados apresenta-se a seguir. As questões propostas, para além da interpretação dos vídeos, buscam compreender os avanços desses dois textos telejornalísticos em diferentes suportes, tendo em vista o desejo de construção de um telejornalismo mais próximo das demandas por pluralismo e diversidade, "um doce predileto" a ser construído também com a atuação profissional de mulheres.

#Deixa ela trabalhar, a demanda por espaço e respeito às profissionais

O episódio de assédio sofrido pela jornalista Júlia Guimarães transmitido ao vivo na TV Globo, reprisado pela emissora e em seus canais por assinatura, não foi o primeiro experimentado pela profissional na cobertura da Copa 2018. Segundo matéria publicada no UOL Esporte esse teria sido o segundo caso de assédio sofrido pela jornalista na Rússia, as duas situações antes de entradas ao vivo. A realidade vivenciada na cobertura contrasta com sua experiência no Brasil e, especialmente, com a expectativa em relação ao trabalho na Copa do Mundo. Em entrevista publicada pelo UOL Esporte Júlia Guimarães falava do sonho de cobrir o mundial:

É o sonho de todo o jornalista esportivo, de todo mundo que ama essa profissão. Já tinha esse sonho quando eu tinha 12 anos. É o sentimento de realização total, porque é o que eu sempre quis. Quando eu vi meu nome divulgado na lista das pessoas que iriam fazer essa cobertura, a ficha demorou para cair, recebi do meu chefe uma mensagem de parabéns em russo e demorei para entender (GUIMARÃES apud CESARINI, 2018).

Embora a jornalista tenha relatado não ter enfrentado situações de assédio em sua atividade no Brasil, esse não é o panorama vivenciado por diversas outras profissionais. Uma série de casos de agressões e desrespeito à jornalistas esportivas motivou a realização de uma campanha nas redes sociais digitais, que contou com ampla cobertura da mídia, e viralizou até mesmo nos telejornais e programas esportivos em emissoras de televisão aberta e por assinatura.

A campanha #Deixaela trabalhar foi lançada no dia 25 de março de 2018, quatro meses antes do episódio na Rússia envolvendo a repórter Júlia Guimarães. Produzida como uma forma de resposta a casos de assédio vivenciados por jornalistas esportivas, a campanha movimentou as redes sociais. Em um vídeo veiculado em programas esportivos da TV Globo, postado nos perfis da campanha criados em diferentes redes sociais e compartilhado por fãs e profissionais do campo do esporte as jornalistas esportivas protestam, rompem com o silêncio sobre os casos de assédio no futebol e exigem mais respeito na profissão. Segundo o blog "Elas no Ataque"¹³, publicado no portal do Correio Braziliense, em pouco mais de um dia a *hashtag* “Deixa ela trabalhar” foi usada em 3.092 publicações no Instagram.

¹³ O blog tem como autoras Maria Eduarda Cardim e Maíra Nunes, as duas repórteres mulheres da editoria de Esportes do Correio Braziliense. Segundo seu texto de descrição a publicação se propõe "a mudar as estatísticas que apontam os homens como sujeitos das notícias em 89% das publicações de 108 países, segundo pesquisa de 2010 do Conselho Superior de Esportes da Espanha. Aqui, as mulheres são protagonistas" (2018).

Entre as jornalistas que integram com seus depoimentos a campanha estão Fernanda Gentil, Carol Barcellos, Cris Dias, Taynah Espinoza, Ana Thaís Matos e Júlia Guimarães. “Isso não é normal”; “Somos mulheres e profissionais”; “Só queremos trabalhar em paz”; “Merecemos respeito”; “Respeitos nos estádios, nas redações e nas ruas”; “Respeito de torcedores, colegas e chefes”. Pequenas micro narrativas de cada uma das profissionais participantes se associam em uma narrativa que dá voz a mulheres, em uma demanda por mais pluralismo e diversidade quando se está “discutindo futebol”, como na música de Chico Buarque. O vídeo ainda conta com imagens de cenas de assédio a mulheres repórteres que cobrem o futebol. Há imagens do episódio envolvendo a repórter Bruna Deltry que ao cobrir o jogo do Vasco contra o Universidad de Chile, na Copa Libertadores da América, também precisa se esquivar de um torcedor que tentou beijá-la na boca durante entrada ao vivo.

O vídeo da campanha foi exibido no telão do Maracanã antes da partida final da Taça Rio, segundo turno do campeonato carioca. Além disso perfis de diferentes clubes brasileiros nas redes sociais digitais compartilharam a campanha e a mensagem #DeixaElaTrabalhar. Flamengo, Bahia, Botafogo, Chapecoense, Corinthians, Cruzeiro, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo entre outros times republicaram o material audiovisual. No âmbito da reflexão proposta nesse artigo a campanha ganha relevância por seu perfil na rede social *Instagram* por ter sido um dos espaços de avanço ou expansão da transmissão ao vivo de um caso do caso assédio exibido ao vivo no telejornalismo eleito como foco. Até o dia 10 de julho de 2018 o perfil #DeixaelaTrabalhar, registrava um total de 76 postagens - entre fotos e vídeos compartilhados, e somava 14 mil seguidores (followers).

A postagem do episódio de assédio à repórter Júlia Guimarães - que na campanha afirma “chega de desconfiança”, em uma imagem em preto e branco - é realizada no próprio domingo (24). O material audiovisual que reproduz o momento em que o torcedor tenta beijar a jornalista é acompanhado pelo seguinte texto: “Vídeos com brasileiros humilhando mulheres enquanto aproveitam a Copa têm dado o que falar. Neste domingo (24), homem tentou beijar Júlia Guimarães”. A postagem alcançou 31 mil visualizações. A postagem sobre o episódio na página da #DeixaelaTrabalhar no facebook foi realizada no dia 26 de junho de 2018, gerou 245 compartilhamentos e alcançou 715 reações (433 delas curtidas).

Antes da partida entre Japão x Senegal, um homem que passava na rua tentou beijar a repórter Júlia Guimarães, enquanto ela se preparava pra entrar ao vivo. Assédio. E a cada tentativa de cercear a liberdade de uma mulher, nos tornamos mais fortes pra lutar. Todo nosso apoio à nossa colega @jujuguimaraes25, que foi corajosa e justa, e às colegas de profissão que têm enfrentado casos de machismo e assédio na cobertura da Copa do Mundo na Rússia ou em qualquer lugar.

Há ainda muitos comentários, em sua maioria de apoio; há contudo postagens como a de @tiago_arcanto: "Brasileiro o povo Mais mi-mi-mi, essa praga de feminismo...". As respostas a esses posicionamentos minoritários realizadas na própria plataforma parecem se associar aos processos descrito por Solnit (2017) como de constituição de tribunais coletivos nas redes sociais motivados por escândalos que ao motivar discussões podem determinar até mesmo mudanças de rumo na opinião pública: "depoimentos em massa e formas de apoio mútuo que podem ser vistas como uma versão daquele comportamento de "cuidar-e-ajudar" (SOLNIT, 2017, p. 33)¹⁴.

Para além das redes sociais digitais o episódio de assédio sofrido pela repórter Júlia Guimarães foi também abordado na edição da revista eletrônica Fantástico veiculada em 24 de junho de 2018. O material ainda foi postado no site do programa na internet, acompanhado do texto que na edição do programa semanal foi enunciado pelos apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, direto dos estúdios da Rússia e do Rio de Janeiro, respectivamente.

Repórter da Globo é vítima de assédio na Rússia e dá bronca em torcedor. Vídeos com brasileiros humilhando mulheres enquanto aproveitam a Copa têm dado o que falar. Copa de Mundo é sinônimo de festa, a maior festa do futebol. Mas deu vergonha ver alguns torcedores brasileiros humilhando e assediando mulheres, na Rússia, em vídeos divulgados nesta semana. Neste domingo (24), aconteceu um novo episódio: um homem tentou beijar a repórter da TV Globo Júlia Guimarães, quando ela se preparava para entrar ao vivo, antes do jogo Japão x Senegal, em Ecatimburgo. “Eu não te autorizei a fazer isso. Nunca! Ok? Isso não é educado, isso não é certo. Nunca faça isso! Nunca faça isso com uma mulher. Respeito!”, pediu a jornalista; foi a segunda vez que Júlia sofreu assédio de torcedores, na cobertura da Copa. (FANTÁSTICO, 2018)

A reportagem em vídeo tem assinatura de Marcelo Canellas e a duração de 9'22". O material mostra imagens de diferentes casos de assédio mas coloca em detalhe dois envolvendo brasileiros, com identificação destes (primeiro caso com um vídeo remetido por um dos envolvidos, advogado pernambucano e outro o do controlador de vôos da Latam). A reportagem ainda relata/ exhibe outros episódios, como o de brasileiros cantando funk com conotação sexual para repórter russa, enquanto um dos

¹⁴ Outro exemplo de mobilizações nas redes sociais digitais contra o assédio foi a campanha #ChegadeFiuFiu promovida inicialmente pelo coletivo Think Olga.

homens do grupo tenta beijá-la. Localizados no hotel pela reportagem eles negam a assédio e tentam inverter a acusação, dizendo-se ofendidos (um deles diz que vai tomar satisfação com a mulher inclusive). No VT a repórter russa é entrevistada e se diz envergonhada; há ainda referência à campanha #Deixaelatrabalhar e o relato do caso da repórter Júlia Guimarães. Seu desconforto ganha voz e rosto em uma sonora:

Foi antes de um vivo que eu ia fazer pro Bom dia Brasil e dois minutos antes do vivo chegou um torcedor, eu não me lembro se ele era russo, se era uruguaio, se era egípcio, e tentou me dar um beijo na bochecha assim. Minha reação no hora foi de esquivar...fiquei muito muito brava na hora. (FANTÁSTICO, 2018)

Em off o repórter narra a seguir o caso de uma repórter colombiana que foi beijada ao vivo por um russo que ainda colocou a mão no seio dela. Uma mulher russa, especialista em cibernética russa, denuncia o lugar subalterno da mulher em seu país, dissolvendo de certa maneira o tensionamento com os brasileiros ao afirmar que o vídeo poderia ser de torcedores de qualquer lugar do mundo. A reportagem é encerrada com uma sonora com uma socióloga brasileira que encerra a narrativa com uma moral positiva; para a especialista o não silenciamento das mulheres é um sinal de mudança. Mas se agora há espaço para as vozes de mulheres no material em vídeo, a maioria dos 102 comentários postados na página do Fantástico como resposta à reportagem reforça o tom de agressões quanto às mulheres, e apresenta críticas à emissora por tratar o tema na perspectiva da "homenfobia" (sic).

Considerações finais: Você vem feito criança, pra chorar o meu perdão, qual o quê!¹⁵

Por meio da análise da materialidade audiovisual relacionadas a um episódio de assédio vivenciado por uma repórter esportiva, transmitido ao vivo, com avanços em diferentes telas e momentos, é possível pensar nos motores que acionariam o viver junto, na perspectiva proposta por Barthes (2003). Nas associações propostas nesse percurso reflexivo busca-se ampliar a questão e problematizar inclusive o viver junto com um telejornal, que se demanda mais plural e inclusivo, também a partir dos diálogos intermédias. Entre eles destaca-se por exemplo aqueles evidenciados por meio da campanha #Deixaelatrabalhar.

Merece destaque o protagonismo assumido pelas jornalistas de esporte ao expandir a narrativa sobre os casos de assédio e ao posicionar-se em defesa de seu espaço nas telas, nos gramados e em qualquer espaço onde queiram estar, em diálogo com as demandas por respeito e igualdade de oportunidades que são pautas dos movimentos feministas. No caso particular na repórter Júlia Guimarães evidencia-se seu papel ativo na defesa de seu corpo e de seu espaço de trabalho e cidadania. Pode-se perceber o motor do acaso mencionado na proposta analítica barthesiana quanto temos o registro do ao vivo, no qual as marcas da instaneidade são acompanhadas pela retórica do direto, evidencia seu equilíbrio, o domínio da competência

¹⁵ Outros dois versos da música são tomados como título das considerações finais do artigo.

profissional e comunicativa, e a capacidade de lutar contra um silenciamento histórico em outro idioma e em rede nacional de televisão.

A repórter é assim testemunha de seu tempo, ao mesmo tempo em atua como personagem capaz de traduzir vozes invisibilizadas, na cobertura midiática e no cotidiano. Em certa medida sua firmeza na resposta ao agressor, é um contraponto ao choro de Glenda Kozlowski que, à despeito da importância de seu trabalho, acaba por assumir papéis tradicionalmente associados ao feminino, como gênero subalterno e frágil.

Na reportagem veiculada no Fantástico percebe-se o acionamento de diferentes motores que permitem o avanço da narrativa de Marcelo Canellas. As mulheres - a socióloga brasileira, a cientista russa e as duas jornalistas - falam como profissionais, especialistas, acionando o motor lógico, que permite o avanço da narrativa por articulações de raciocínio. Os brasileiros envolvidos nos episódios de assédio, especialmente quando confrontados pelo repórter acionam o motor denominado por Barthes (2003) como mergulhia que atua como um depósito de experiências, e preconceitos nesse caso particular. Ao assumir claramente uma posição, em defesa de um telejornal e uma sociedade mais plurais, o repórter Marcelo Canellas acionaria o motor clássico, das marcas sucessivas, aquele que só seria garantido por uma concessão daquele que responde, ou é afetado pelo telejornal. Enquanto o semiólogo francês propõe a aprovação dos interlocutores por meio de movimentos de cabeça ou verbais, para que tenhamos um telejornal predileto é necessário investir em pautas e narrativas que sejam capazes de mobilizar o público por meio da redução dos espaços interditos e silenciamentos. Os homens que praticam assédio não realizam brincadeiras, como pedidos de desculpa em tom infantil parecem simular, e sim agressões que precisam e devem ser evidenciadas em narrativas telejornalísticas capazes de representar a sociedade de maneira diversa, e de reduzir os silenciamentos por meio de avanços que tornem o afeto motor do avanço do discurso, mas também do telejornalismo e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Paulo. '**Narra quem sabe**': Fox Sports monta time de narradores para a Copa da Rússia. Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/16/narra-quem-sabe-fox-sports-monta-time-de-narradoras-para-a-copa-da-russia_a_23387438/. Acesso: 08/07/2018.
- BARTHES, Roland. **Como viver juntos** - simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2016.
- BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- CÁDIMA, Francisco Rui. **A Televisão, o Digital e a Cultura Participativa**. Lisboa: Media XXI, 2011.
_____. Diversidade e serviço público de televisão no contexto regulatório português. **Revista Media & Jornalismo**: Universidade Nova de Lisboa, 2017. pp 29-42.
- CASTRO, Daniel. Público ignora transmissão só com mulheres, e canal da Fox é lanterna da Copa. Disponível em <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/publico-ignora-transmissao-so-com-mulheres-e-canal-da-fox-e-lanterna-da-copa--21074>. Acesso: 26/06/2018.
- MILLER, Toby. A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era. In FREIRE FILHO, João (org). **A TV em transição**. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp. 9-25

-
- PUHL, Paula. **Telejornalismo regional e televisão universitária**: unidos pelo viver junto na construção da notícia. *Animus*, v.13, n° 26, 2014.
- SCOLARI, Carlos. Lostología. Narrativa transmediática, estratégias crossmedia e hipertelevisión. In **Narrativas tranmedias entre teorías e prácticas**. CAMPALANS, C; RENNÓ, D. & GOSCIOLA, V. Rosário: Editorial UOC, 2014. Disponível em https://www.academia.edu/12016123/Transmedia_Storytelling_-_between_theories_and_practice_complete_book_?auto=download. Acesso: 12/11/2017.
- SECOM, Secretaria de Comunicação da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia (PMB 2016)**. Disponível em <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso: 04/07/2017.
- SILVA, Edna Mello e ALVES, Yago Modesto. **Telejornalismo Expandido**: A Apropriação de Redes Sociais e Aplicativos pelo Jornalismo Televisivo. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2503-1.pdf>. Acesso: 10/09/2017.
- SOUSA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1993.
- ZAPPA, Regina. **Para seguir minha jornada**: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ELAS NO ATAQUE. **CORREIO BRAZILIENSE**. Disponível em <http://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/deixa-ela-trabalhar-campanha-jornalismo/>. Acesso: 10/07/2018.